

## **Parábolas da semente no Evangelho de São Marcos – análise da perícopre marcana 4,26-34**

*The Seed Parables in St. Mark's Gospel  
– Analysis of the Markan Pericope 4,26-34*

MARIA CLARA DA SILVA MACHADO\*

PAULO CESAR MACHADO FAILLACE\*\*

**Resumo:** Há três parábolas no capítulo 4 do Evangelho de São Marcos cujo ponto central é a 'semente'. Além da "parábola do semeador" (4,1-8), duas outras com menor desenvolvimento são apresentadas (4,26-29.30-32), seguidas de uma breve conclusão (4,33-34). O presente trabalho apresenta um estudo sobre estas duas parábolas menores, destacando alguns elementos textuais mais significativos e comparando o texto em português da Bíblia de Jerusalém com a versão em grego da Bíblia de Stuttgart, editada pela SBB. Busca-se também relacionar duas referências marcanas a duas passagens do Antigo Testamento, recurso utilizado pelo evangelista para chamar a atenção de seus leitores imediatos. Além da estrutura interna de cada parábola, serão abordados os pontos mais relevantes da teologia contidos no texto assim como algumas de suas possíveis interpretações.

**Palavras-chave:** Parábolas marcanas. Parábolas sobre semente. Evangelho de São Marcos

---

\* Maria Clara da Silva Machado é Doutora em Teologia Bíblica pela PUC-Rio de Janeiro. Professora de Sagrada Escritura das seguintes instituições: Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro e do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Contato: [claramachado.prof@gmail.com](mailto:claramachado.prof@gmail.com)

\*\* Paulo Cesar Machado Faillace é Mestre em Administração pela Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro (FGV-RJ) e graduando em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: [pcfaiilace@gmail.com](mailto:pcfaiilace@gmail.com)

**Abstract:** There are three parables in the chapter 4 of St. Mark's Gospel in which the 'seed' is the central point. Besides the "parable of the sower" (4,1-8), two other less developed parables are presented (4,26-29.30-32), followed by a short conclusion (4,33-34). The present work shows a study about those two short parables, highlighting some more significant textual elements and comparing the text in Portuguese, from the Jerusalem Bible, with the one from the Greek version of the Stuttgart Bible, edited by SBB (a Brazilian publisher). The work also makes a connection between two references presented in St. Mark's text and two passages from the Old Testament, a resource used by the evangelist to get the attention of his immediate readers. Besides the internal structure of each parable, the most relevant theological points are addressed as well as some of its possible interpretations.

**Keywords:** St. Mark's parables. Seed parables. St. Mark's Gospel.

## Introdução

Dentro do contexto do evangelho de São Marcos, firmado sobre dois pilares, o conhecimento de Jesus – quem é? – e o conhecimento dos discípulos – quem são? – (OPORTO, 2006, p. 124 e 127), destaca-se também uma terceira linha, com menos ênfase, que surge, contudo, com particular destaque nas três parábolas da semente, no capítulo 4. Este capítulo concentra cinco parábolas marcadas e estas três, da semente, têm o objetivo de apresentar um tema ligado ao desvendamento da identidade de Jesus (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 424): o Reino de Deus, seu acolhimento, seu crescimento e sua expansão.

Além da "parábola do semeador" (4,1-8), a primeira a ser apresentada pelo evangelista, ligada ao anúncio e ao discipulado, as duas outras, com menor desenvolvimento (4,26-29.30-32), apresentam como ocorrem o surgimento e a propagação do Reino. Dentre estas, a primeira parábola não encontra paralelo nos outros dois sinóticos, enquanto a segunda pode ser encontrada em Mateus e Lucas, embora com redações distintas. Estas duas parábolas caracterizam-se por serem o modo encontrado por Jesus para transmitir a ideia do Reino de Deus, de forma concreta, ligada ao cotidiano agrícola do povo. A forma da redação – em contraste – utilizada por Marcos, bem ao estilo da literatura israelita, põe em destaque as características do Reino.

Primeiro evangelho, cronologicamente, e escrito no período do início das perseguições, segundo a maioria dos autores, as circunstâncias

– época, destinatários, dificuldades e dúvidas – parecem indicar a necessidade de afirmar que são vãs as tentativas de “controlar a vinda do Reino de Deus” (BERGANT; KARRIS, 2014, p. 53), seu crescimento e sua difusão. Porém, tudo já está garantido pela “força irresistível e misteriosa que o sustenta” (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 467). E a imagem da ‘semente’ se presta bastante bem para isso, além de carregar consigo o mistério – palavra tão cara a São Marcos – da vida.

## 1 O texto da perícopes

Texto do Evangelho de Marcos, capítulo 4, versículos 26 a 34, conforme tradução da Bíblia de Jerusalém (2002).

<sup>26</sup>E dizia: ‘Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra: <sup>27</sup>ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. <sup>28</sup>A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. <sup>29</sup>Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou.’ <sup>30</sup>E dizia: ‘Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? <sup>31</sup>É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra – é a menor de todas as sementes da terra – <sup>32</sup>mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra.’ <sup>33</sup>Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas como essas, conforme podiam entender; <sup>34</sup>e nada lhes falava a não ser em parábolas. A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular.

Pode-se dividir este texto em três grandes partes: 26-29; 30-32; e 33-34.

## 2 As partes da perícopes, os textos paralelos e algumas considerações gerais

Para uma análise da existência de passagens paralelas nos demais sinóticos, é necessário separar este trecho em 3 partes, que é a divisão maior da perícopes:

(i) Mc 4,26-29 – esta parte é exclusiva, não tendo paralelos nos evangelhos de Mateus e Lucas;

(ii) Mc 4,30-32 – esta parte tem paralelos tanto em Mateus (Mt 13,31-32) quanto em Lucas (Lc 13,18-19);

(iii) Mc 33-34 – esta parte tem paralelo somente em Mateus (Mt 13,34-35).  
Veja-se, no quadro abaixo, a relação entre as passagens paralelas:

<b>Marcos</b>	<b>Mateus</b>	<b>Lucas</b>
4, 26-29	-	-
4, 30-32	13, 31-32	13, 18-19
4, 33-34	13, 34-35	-

A primeira parte – 26 a 29 – somente é encontrada em Marcos, que “relatou uma parábola que não tem paralelos nos outros dois sinóticos” (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 466). Em que pese as similaridades desta parábola com a do semeador, ambas sobre ‘semente’, estas parábolas não têm uma fonte comum, apesar do uso de várias palavras idênticas, quando comparada com a parábola em Mateus. Além de outras razões, a que chama mais a atenção é o contexto bastante distinto (HENDRIKSEN, 2014, p. 188). Esta parte da passagem, então, se caracteriza por ser ou de uma fonte exclusiva ou os outros dois evangelistas optaram por não utilizá-la.

Marcos registra três parábolas sobre ‘semente’, todas no capítulo 4: em 3-8 (semeador); em 26-29; e em 30-32. Na verdade, há em Marcos apenas 5 parábolas de textos mais extensos, as três, no capítulo 4. Uma quarta parábola encontra-se no capítulo 3,23ss e uma quinta, em 12,1ss. Apenas como referência, o capítulo 13 de Mateus apresenta 8 parábolas.

Marcos apresenta algumas sentenças, que são desenvolvidas por Mateus e Lucas, como parábolas. Por exemplo, citem-se: 4,21 e 13,28. De certa forma, podem ser consideradas parábolas bem resumidas ou referências sintéticas a estas, pois são apenas uma ou duas sentenças.

A palavra em grego “και”, que normalmente é traduzida por “e” – mas que também pode significar: e então; também; ainda; isto é; mas; e outros significados menos frequentes –, é um traço linguístico de Marcos, usado para fazer a ligação entre ideias, situações e sentenças. Porém, neste capítulo 4, vale registrar a grande quantidade de vezes que aparece a expressão: και ελεγεν, que quer dizer: “e dizia”. Somente no capítulo 4, com 41 versículos, esta construção aparece nove vezes, nos versículos: 2, 9, 11, 13, 21, 24, 26, 30, 35. Nos versos 13 e 35, a forma verbal é ligeiramente distinta: και λεγει, que quer dizer: “e diz”

– que é o presente do indicativo. Porém, de qualquer modo, é o mesmo verbo ( $\lambda\epsilon\gamma\omega$ ) e tem sentido idêntico. Este uso de Marcos, com dois tempos verbais distintos, encontra algumas interpretações. Para Belano (2008, p. 318), é uma escolha que não possui nenhum significado específico: “l'imperfetto non ha qui il consueto valore iterativo [...], ma quello puntuale, corrispondente a um aoristo”<sup>1</sup>. Donahue (2006, p. 135) já interpreta que, por ser o imperfeito o tempo verbal que indica “azione abituale o continuativa [...], [...] all'origine potrebbero aver fatto parte di una raccolta tradizionale di parabole ‘del seme’”<sup>2</sup>.

### 3 Estudo da perícopre

Com relação à estrutura da perícopre completa, a divisão apresenta consenso entre os exegetas, como pode ser visto no início do capítulo anterior. Ela pode, então, ser dividida em três partes: Mc 4, 26-29; 30-32; e 33-34.

#### 3.1 Primeira parte: Mc 4,26-29

##### (a) Estrutura e algumas situações textuais

Ao analisarmos a primeira parte – Mc 4, 26-29, pode-se ainda dividi-la como se segue:

Mc 4, 26-29			
26a	E dizia-lhes:	Introdução	
		<i>Ação</i>	
26b	Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra:	homem	homem: agente; natureza: paciente
27a	ele dorme e acorda, de noite e de dia,		homem: neutro
27b	mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como.	natureza	homem: neutro; natureza: agente
28	A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos.	natureza	homem: neutro; natureza: agente
29	Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou.	homem	homem: agente; natureza: paciente

1. “O imperfeito não tem aqui o valor iterativo usual, mas pontual, correspondente a um aoristo” (tradução nossa).

2. “ação habitual ou contínua [...], [...] originalmente poderia ter feito parte de uma coleção tradicional de parábolas da semente” (tradução nossa).

Vale destacar a formação em quiasmo.

Gnilka se refere a uma formação tipo: lavrador – semente – lavrador – terra/fruto – lavrador, e diz que esta “imbricación artística constituye la esencia del relato (2005, p. 212)”<sup>3</sup>.

A forma com que Marcos a introduz – ‘E dizia-lhes’ ou ‘Dizia-lhes ainda’ – indica que esta parábola faz parte de uma sequência que se iniciou à beira do lago, quando Jesus falava à multidão (cf. Mc 4,1) (POHL, 1998, p. 166).

Um fato a ser notado aparece no v. 26, quanto ao autógrafo. O uso dos tempos verbais nos vv. 26 e 27 – lançar, dormir, acordar, germinar e crescer – faz com que seja necessária uma partícula – na verdade, a conjunção condicional ‘se’, que não consta do texto em grego em estudo. Entretanto, tudo indica que ela foi omitida por algum copista. Seguem os dois textos para comparação:

Καὶ ἔλεγεν, Οὕτως ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ  
θεοῦ ὡς ἄνθρωπος βάλῃ τὸν σπόρον...

Καὶ ἔλεγεν, Οὕτως ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ  
θεοῦ ὡς εἶάν ἄνθρωπος βάλῃ τὸν σπόρον...

Pelo fato de a conjunção ‘se’ terminar com “αν” e a palavra homem, em grego, começar por “αν”, “[e]ra fácil para o olho do copista pular para a segunda sílaba igual” (Ibid., p. 166), fenômeno este conhecido como *haplografia*.

Vale ressaltar o sentido da palavra ‘germinar’. De modo bastante presente em várias passagens do AT, este termo carrega o sentido messiânico. Em Jr 21 a 23, estão relatados os oráculos relativos a reis e profetas e em Jr 30-33, os oráculos ou anúncios de salvação (RÖMER, 2015, p. 420), que reportam à vinda do Messias esperado. Lidos com chave messiânica, Jesus é o ‘broto’ de Jessé, em uma referência à descendência davídica. São Paulo, mais tarde, fará a união de Jesus Cristo com o termo ‘broto’ em Rm 15,12: “Despontará um *rebento* de Jessé, para governar as nações”. Seguem, para comparação, as frases de Jr 23,5:

... הַקָּדוֹשׁ יְמַצֵּא לְדָוִד יְמִצָּא ...

... καὶ ἀναστήσω τῷ Δαυὶδ ἀνατολήν δικαίαν ...

...*suscitarei a Davi um germe justo*...

3. “ligação artística constitui a essência do relato” (tradução nossa).

Apropriando-se desta referência simbólica, Marcos associa a chegada do Reino com a vinda do Messias, que, por sua vez, se dá em Jesus Cristo.

Ao fazer uso dos dois pares de verbos em sequência, Marcos quer “creare un senso del passare del tempo senza alcuna fretta”<sup>4</sup> (DONAHUE, 2006, p. 136). Além desta noção, vale também destacar que a ordem em que são colocadas as palavras: ‘noite e dia’ (e não ‘dia e noite’) e ‘dorme e acorda’ (e não ‘acorda e dorme’) indica a concepção judaica do passar do tempo: “el mencionar en primer lugar la noche responde a la medición oriental del día”<sup>5</sup> (GNILKA, 2005, p. 213). Isto é, o dia começa, na verdade, na noite do dia anterior. Aos dois conceitos acima, une-se um terceiro, que remete a um ponto importante neste texto: o desenrolar do tempo e dos fenômenos da natureza acontecem sem nenhuma interferência humana. O homem não tem o controle do tempo nem dos fenômenos naturais, como neste caso específico, o brotar da semente. Não há, contudo, o sentido de passividade ou preguiça por parte do homem – o agricultor. “Jesus não apresenta o camponês em tom negativo” e nem “estamos aqui diante do exemplo de um agricultor preguiçoso” (POHL, 1998, p. 167). No caso da semente, prevalece a certeza de que tudo ocorre sem que o lavrador tenha que ser o agente do processo ou tenha que interferir, para sua consecução. Gnilka comenta:

Lo que el labrador suele hacer ordinariamente en el campo – aquí aparece como un holgazán –: el escardar, el quitar las hierbas malas, etc. tiene una importancia mucho menor que la suerte que corre la semilla en el campo (2005, p. 213).<sup>6</sup>

Cabe ressaltar a mudança de tempo verbal (no texto em grego), que ocorre no v. 28. Após uma sequência de verbos no subjuntivo, o verbo frutificar (*καρποφορει*) está no presente do indicativo, o que confere força e centralidade a este versículo (POHL, 1998, p. 167).

Ainda nesta linha textual, merece destaque o uso da palavra, no v. 27:

4. “criar um sentido de passagem do tempo sem nenhuma pressa” (tradução nossa).

5. “o mencionar em primeiro lugar a noite corresponde à medição oriental do dia” (tradução nossa).

6. “o que o lavrador deve fazer normalmente no campo – aqui aparece como uma ociosidade –: roçar, retirar as ervas daninhas, etc. tem uma importância muito menor que a sorte que corre a semente no campo” (tradução nossa).

levantasse <i>Mc 4, 27</i>	levantar-se <i>Mc 1, 31</i>	ressuscitou <i>Mc 16, 6</i>	eu levanto
ἐγείρηται	ἤγειρεν	ἠγέρθη	ἐγείρω

### (b) Teologia e interpretação

Com relação à teologia, estas duas parábolas – esta e a seguinte – são reconhecidas e apontadas, declaradamente, como “parábolas do Reino”, uma vez que a referência ao Reino de Deus é explícita, como citado no próprio texto.

Por ser uma parábola que só aparece em Marcos, não existindo “la menor duda de que en esta ocasión nos encontramos frente a una parábola en sentido estricto” (GNILKA, 2005, p. 212)<sup>7</sup>, não há pontos específicos de cristologia ou de eclesiologia, no sentido estrito dos termos.

Quanto à escatologia, há uma alusão, no v. 29, à Parusia ou ao julgamento final, em função do uso das palavras ‘colheita’ e ‘foice’. Num contexto similar, pode-se verificar em Jl 4,13: “Lançai a foice, porque a messe está madura”; e em Ap 14,15b: “Lança tua foice e ceifa. Chegou a hora da ceifa, pois a seara da terra está madura”. No entanto, no caso do v. 29, diferentemente do que ocorre em Joel e no Apocalipse, “[...] aquí la hoz de la cosecha no tiene de ninguna manera sentido amenazador. La llamada a los segadores es un grito de júbilo” (Ibid., p. 214).<sup>8</sup> De fato, a época da colheita sempre foi motivo de alegria, pois era a mais clara evidência dos favores de Deus. A colheita significava “[...] o tempo da alegria, da festa por causa do juízo de Deus, que interveio como salvador a favor dos pobres e oprimidos, contra os malfeitores prepotentes” (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 466, nota de rodapé 12).

Com relação à interpretação, há que se considerar dois aspectos: o histórico e sua interpretação no sentido geral.

Quanto ao aspecto histórico, “a parábola podia ser uma resposta à dificuldades e objeções que o anúncio do reino estava encontrando: a impaciência dos zelotas ou os cálculos apocalípticos” (Ibid., p. 466). A chegada definitiva do Reino, associada à segunda e gloriosa vinda de Cristo, era uma

7. “a menor dúvida de que nesta ocasião nos encontramos frente a uma parábola com um sentido estrito” (tradução nossa).

8. “[...] aquí a foice da colheita não tem de nenhuma maneira sentido ameaçador. A chamada aos ceifeiros é um grito de júbilo” (tradução nossa).



preocupação constante das comunidades cristãs da época. Vários textos do NT referem-na, como as duas cartas de São Paulo aos Tessalonicenses<sup>9</sup> e a passagem da carta de São Tiago: “Sede, pois, pacientes, irmãos, até a vinda do Senhor. Vede como o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando por ele, pacientemente, até que venham as chuvas temporãs e as serôdias” (Tg 5,7-8). Neste caso em particular note-se, não só o uso por Tiago, da mesma imagem de Marcos, de palavras muito semelhantes, mas também do mesmo sentido. Concordando com esta linha, Gnilka (2005, p. 214) comenta que o atraso da segunda vinda de Cristo, como avaliado pelas comunidades, causava certos problemas, ainda que este não seja o ponto principal da parábola.

Em complemento, algumas interpretações podem ser retiradas desta parábola, partindo-se do seu ponto principal, que é o anúncio do Reino, com suas duas principais características: “[q]uiere anunciar el reino. Hay que partir del contraste del pequeño, insignificante comienzo, comparable con la insignificante semilla, y el abundante fruto al final, que se ofrece al labrador caso como un milagro” (Ibid., p. 215).<sup>10</sup>

Partindo destes dois pontos, quase a totalidade dos estudiosos colocam o v. 28 como o centro da parábola: “A terra por si mesma produz fruto: [...]”. Ou seja, o Reino de Deus tem uma força motriz própria: “Sua consumação será agora ação maravilhosa de Deus, sem auxílio de mãos e esperteza humanas” (POHL, 1998, p. 168). Para o homem, é um mistério: “ele não sabe como”. Gnilka (2005, p. 215) comenta que tudo está nas mãos de Deus, o início, o final, o passado e o presente e que há uma diferença entre o tempo de Deus e o tempo do homem. Por outro lado, embora pequena, a ação do homem é necessária no início. Ainda que tudo o mais Deus o faça, cabe a ele ‘lançar a semente’. “This action would probably have important resonances for the Markan community as well” (MARCUS, 1999, p. 326), uma vez que alguns membros daquela comunidade estariam preocupados com a aparente falta de sucesso da proclamação da ‘boa nova’ e do Evangelho de Jesus. E, ainda, para a comunidade (Ibid., p. 326):

9. cf. 1Ts 4, 13-18; 5, 1-11 e 2Ts 2, 1-12.

10. “quer anunciar o reino. Tem-se que partir do contraste do pequeno e insignificante começo, comparável com a insignificante semente, e o abundante fruto ao final, que se oferece ao lavrador quase como um milagre” (tradução nossa).

To such Christians the parable says: what God does with his word is *his* business; it is only to the preacher to cast the seed into the waiting ground, not to dictate in what way or at what pace it will bear fruit<sup>11</sup>.

A conclusão de todo o processo é previsível: “Ultimate success is assured, but the precise modalities of its realization are known only to God” (Ibid., p. 326).<sup>12</sup> Assim, o homem semeia a semente – a palavra, que é “verdade do Reino de Deus, e a terra (a alma) está pronta para a semente. O Espírito Santo trabalha no coração e usa a semente semeada, fazendo-a germinar e crescer [...]. Esta é a ordem da natureza e também da graça do Reino de Deus” (ROBERTSON, 2016, p. 388). A identificação da semente com a Palavra encontra base na parábola anterior, do próprio Marcos (Mc 4,13-20), cuja explicação é do próprio Jesus. Esta parábola – de Mc 4,13-20 – tem seu centro no homem, na alma do homem, que acolhe de uma forma ou de outra a Palavra semeada. Nesta, sob análise, o foco é o termo “por si mesma” (αυτοματη), do v. 28. “A essa semente Deus confiou o segredo, de tal modo que ela agora, por assim dizer, ‘sabe’ exatamente o que fazer, e como” (HENDRIKSEN, 2014, p. 190), em contrapartida ao homem, que, no v. 27, ‘não sabe como’.

Uma leitura com chave cristológica remete a semente ao próprio Cristo. Jesus Cristo, Deus visível em corpo humano, e através de Sua palavra e de Seus atos, escondia, por outro lado, um segredo que só o Pai e Ele sabiam ‘qual e como’. “Neste sentido, Jesus encaminhava-se confiante para um ‘por si mesmo’ grandioso e a colheita festiva que seguiria. A ação de Deus aconteceu na Sexta-feira da Paixão e na Páscoa. [...] A colheita festiva tem um cumprimento preliminar na Páscoa [...], e seu cumprimento final na chegada do Filho do homem” (POHL, 1998, p. 168), chegada gloriosa, como em Mc 13,26-27:

E verão o Filho do homem vindo entre nuvens com grande poder e glória. Então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu.

11. “Para estes cristãos, a parábola diz: o que Deus faz com Sua palavra só a Ele compete; ao pregador, cabe somente lançar a semente no campo que a espera, e não impor de que modo ou em que ritmo ela dará fruto” (tradução nossa).

12. “O sucesso final está assegurado, mas as particularidades precisas de sua realização são conhecidas apenas por Deus” (tradução nossa).

Em uma leitura com chave eclesiológica, acrescenta-se ainda a ‘colheita intermediária’, isto é, a formação da Igreja – a espiga cheia de grãos – fundada nesta sequência de ações do próprio Deus, pela entrega de Seu Filho para salvação do homem.

Por esta parábola, pode-se então concluir que não só “la *basileia* [reino] viene indefectivamente” (GNILKA, 2005, p. 215)<sup>13</sup>, mas que, pela existência de uma ‘colheita intermediária’ – a Igreja, “puede experimentarse ya ahora su [del reino] penetración redentora, perceptible únicamente por el que la contempla en actitud creyente” (Ibid., p. 215)<sup>14</sup>.

### 3.2 Segunda parte: Mc 4,30-32

#### (a) Comparação com os Sinóticos e estrutura

A perícopé desta segunda parte – Mc 4,30-32 – encontra-se nos três evangelhos sinóticos. Apesar de pequenas diferenças, incluindo mais ou menos detalhes, as três redações da mesma parábola guardam entre si grandes semelhanças.

Mc 4, 30-32	Mt 13, 31-32	Lc 13, 18-19
"E dizia: ‘Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?’	"Propôs-lhes outra parábola, dizendo:	"Dizia, portanto: ‘A que é semelhante o Reino de Deus e a que hei de compará-lo?’
É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra	‘O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.	É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou em sua horta;
– é a menor de todas as sementes da terra –	Embora seja a menor de todas as sementes,	-
mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos,	quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore,	ele cresce, torna-se árvore,
a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra".	a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos".	e as aves do céu se abrigam nos seus ramos".

13. “O *basileia* [reino] vem de modo perfeito e completo” (tradução nossa).

14. “já se pode experimentar agora sua [do reino] penetração redentora, perceptível unicamente por aquele que a contempla em atitude de fé” (tradução nossa).

Esta parábola e a anterior, chamadas por Gnilka (Ibid., p. 211) de ‘parábolas gêmeas’, são as duas únicas em que, no corpo do texto, aparece o assunto a que se referem: ‘parábola do Reino’, como visto no item (b), anteriormente.

Segue, no quadro abaixo, a estrutura proposta.

Mc 4, 30-32 - texto	Mc 4, 30-32 - estrutura	Mc 4, 30-32 - categorias
"E dizia: 'Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?'	Elemento hebraico - rabínico - típico de início de um ensinamento ( <i>mashal</i> )	-
É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra	O que é: semente	O elemento: A
– é a menor de todas as sementes da terra –	Explicação da semente	O elemento A: explicação
mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos,	O que é: hortaliça	O elemento: B - elemento de contraste
a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra".	Explicação da hortaliça	O elemento B: reforço do contraste

É uma estrutura paralela em contraste dos elementos. “A parábola vive deste contraste: do nada sai uma coisa tão grande” (POHL, 1998, p. 170). O reforço, ou exagero, do contraste é uma característica da cultura sapiencial hebraica.

### (b) Algumas situações textuais

Com relação ao texto, os seguintes pontos podem ser destacados:

- (i) esta parábola “remonta a la fuente de los dichos” (GNILKA, 2005, p. 216)<sup>15</sup>, que Marcos toma e faz alguma reelaboração;
- (ii) esta parábola estaria melhor conservada em Lucas do que em Mateus, que teria combinado a redação ‘Q’ com a parábola de Marcos (Ibid., p. 216). Por outro lado, Hendriksen (2014, p. 195) opina que “Lucas se parece mais com Mateus do que com Marcos”;
- (iii) é muito provável que tenha havido duas tradições orais (GNILKA, 2005, p. 217) sobre esta parábola, e no meio das comunidades iniciais;
- (iv) a perícopé se inicia com o tradicional marcano “E dizia”, seguido de duas perguntas de cunho retórico, cujo objetivo é despertar a curiosidade do ouvinte. Este tipo de ‘fórmula’ voltada à interpelação é comum na tradição rabínica, como atestam Gnilka, Barbaglio, Marcus e Donahue (2006, p. 136): “Questo linguaggio è tipico anche delle parabole rabbiniche più tardive”<sup>16</sup>;

15. “remonta à fonte dos ditos” (tradução nossa).

16. Todos os demais autores citados já se encontram referenciados: “esta linguagem é típica também das parábolas rabínicas tardias” (tradução nossa).

- (v) a palavra ‘parábola’, escolhida por Marcos para iniciar esta perícopé, deve ser entendida no sentido hebraico do termo. A palavra hebraica é מִשְׁלָּה que é normalmente traduzida para o português como ‘provérbio’, mas que comporta uma série de significados, como contos, ditados, fábulas, etc. (DONAHUE, 2006, p. 136);
- (vi) o uso da preposição ‘εν’, em grego, com o valor instrumental, valor de ‘por meio de’, comum em Marcos. Normalmente, esta preposição é traduzida por ‘em’, indicando lugar. Há outras traduções para ela também, porém menos frequentes. Seu uso em Marcos é particular e frequente, sendo considerado um semitismo para traduzir מִן do hebraico (BELANO, 2008, p. 324). Em Marcos, esta construção aparece cerca de 20 vezes.

Com relação ao texto, propriamente, alguns outros aspectos podem ser mencionados.

O uso do tempo presente, por Marcos, para falar da ‘ação’ da semente: ‘cresce’, ‘torna-se’ e ‘deita’, e, depois, das aves: ‘abrigam-se’ (podem abrigar-se – grego). Como já visto, o uso do presente confere importância àquele trecho em particular (ver nota 15), quando comparado com trechos com outros tempos verbais.

O uso do ‘grão de mostarda’ como elemento de comparação é muito frequente, na cultura sapiencial hebraica, sendo citada não só em ditados: “[I] a pequenez del grano de mostaza se usaba en los dichos: ‘jamás se pone el sol antes de haberse hecho sangre como un grano de mostaza’ ” (GNILKA, 2005, p. 217)<sup>17</sup>, mas também sendo referenciada na *mishná*. A pequenez desta semente é proverbial, tendo sido usada por Jesus em outras ocasiões (cf. Mt 17,20; Lc 17,6). Esta pequenez é atestada por todos os exegetas aqui referenciados, como Belano (2008, p. 325), Donahue (2006, p. 136), Barbaglio e Fabris (2014, p. 467) e Gnilka (2005, p. 217), tendo sido citada por Plínio, o Velho, em sua *Naturalis Historia* (BELANO, 2008, p. 326; DONAHUE, 2006, p. 136). Segundo Plínio, o Velho, em sua enciclopédia, a mostarda tem as características de ser uma hortaliça muito resistente e invasiva, que se alastra rapidamente em terrenos vizinhos (DONAHUE, 2006, p. 136). Ainda cabe explicar que a frase “a menor de todas as sementes da terra” não se refere a um dado científico da Botânica, pois as sementes da papoula (POHL, 1998, p. 169) e da orquídea (BEALE; CARSON, 2014, p. 194) são menores, mas sim dar uma

17. “a pequenez do grão de mostarda se usava em ditados: ‘jamais se põe o sol antes de ter-se feito sangrar como um grão de mostarda’ ” (tradução nossa).

explicação, aos destinatários de fora da Palestina, do Evangelho. O objetivo da sentença é reforçar o contraste entre a semente e a hortaliça, que “é um modo de falar palestinese” (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 467).

A palavra em grego escolhida por Marcos e que a Bíblia de Jerusalém traduz por “se abrigar” é: κατασκηνουν (κατασκηνωω). Em tradução literal, significa ‘fazer ninho’. Porém, uma outra palavra em grego com similaridade sonora – σκηνη: tenda – tem forte apelo divino e se refere à tenda da Arca da Aliança e das manifestações de Deus em vários momentos do AT.

A sentença “a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra” constitui uma alusão ao profeta Ezequiel (Ez 17,22-24). Segue o texto:

“Assim diz o Senhor Yahweh: ‘Tomarei do cimo do cedro, da extremidade dos seus ramos um broto e plantá-lo-ei eu mesmo sobre monte alto e elevado. Plantá-lo-ei sobre o alto monte de Israel. Ele *deitará ramos* e produzirá frutos, tornando-se cedro magnífico, de modo que *à sua sombra habitará toda espécie de pássaros, à sombra dos seus ramos habitará toda sorte de aves*. E saberão todas as árvores do campo que eu, Yahweh, é que abaixo a árvore alta e exalto a árvore baixa, que seco a árvore verde e faço brotar a árvore seca. Sim, eu, Yahweh, o disse e o faço” (grifo nosso).

Este trecho de Ezequiel encontra-se dentro da primeira parte do livro do profeta, capítulos 1 a 24. Dentro desta parte, podem ser encontrados diversos oráculos, antes da execução do juízo anunciado. Em particular, o capítulo 17 é um dos capítulos em que contém um juízo contra os guias do povo. Na descrição deste capítulo, é apresentada a alegoria-enigma da águia (ALONSO SCHÖKEL, 2011, p. 762). Este trecho sobre as aves do céu encontra-se como parte final desta alegoria, que é um oráculo de salvação. Com relação a este ponto, Beale (2014, p. 194) comenta que “Ezequiel 17, um dos oráculos de julgamento contra Judá (Ez 4–24), situado em uma seção que se concentra na insensatez de Jerusalém (Ez 16–20; v. Clements 1996, p.67), é uma parábola ou fábula enigmática, com sabor de literatura sapiencial”.

Os capítulos 20 a 24 são narrados em primeira pessoa, pois “o próprio Deus é o protagonista; e ainda que Ele aproveite a árvore antiga, a plantação é nova” (ALONSO SCHÖKEL, 2014, p. 764). O próprio Yahweh tomará um broto do cimo do cedro (v. 22b) e o transplantará para o monte alto de Israel – Sião (v. 23).

Os termos ‘deitará ramos’, ‘produzirá frutos’, ‘cedro magnífico’, ‘à sua sombra habitará toda espécie de pássaros’, ‘à sombra dos seus ramos habitará toda sorte de aves’ possuem seus equivalentes na parábola de Marcos. Veja-se o quadro a seguir:

Mc 4, 30-32 - texto	Ez 17, 22-24
"E dizia: 'Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?'"	-
É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra	o broto do cedro - parte pequena e delicada
- é a menor de todas as sementes da terra -	explicação: da extremidade de seus ramos
mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos,	cedro magnífico; deitará ramos; produzirá frutos
a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra".	à sua sombra habitará toda espécie de pássaros, à sombra de seus ramos habitará toda sorte de aves

As similaridades encontradas são claras, porém constituem uma alusão ou uma referência, pois “no nos encontramos con ninguna cita concreta” (GNILKA, 2005, p. 217)<sup>18</sup>. Apesar de o detalhamento das dimensões da horta- liça não serem relevantes, assemelhá-la a uma planta grande como uma árvore vai ao encontro de uma importante imagem do AT.

A comparação entre as duas passagens remete os ouvintes e leitores a um quadro de imagens caras ao povo hebreu, ainda que Marcos “haya entrado la misión activa entre los gentiles” (Ibid., p. 218)<sup>19</sup>. Dentre elas, cabe destacar a imagem (BEALE; CARSON, 2014, p. 195): (a) da árvore do Éden: da árvore da vida no Paraíso, onde toda criatura encontrava-se sob o olhar amoroso do Criador; (b) do monte Sião: com sua Cidade Santa – Jerusalém, conhecido como o ‘monte de Deus’ ou ‘monte da habitação de Deus’, com referência ao templo; (c) do broto: da extremidade dos ramos, um rebento, que remete à vinda de um Messias de linhagem davídica. Desta forma, a associação das imagens leva o ouvinte a considerar o oráculo de salvação com a vinda do Messias e com a implantação do Reino de Deus, ponto que a parábola quer expressar. Neste sentido, Alonso Schökel (2011, p. 764) comenta que: “Se no início este oráculo alimentou a esperança de retorno à pátria com a dinastia legítima renovada, mais tarde foi lido como profecia messiânica”. Gnilka (2005, p. 218) con- corda com esta posição: “En Ez 17,23 se refiere la imagen al reino mesiánico”<sup>20</sup>.

18. “não nos encontramos con nenhuma citação concreta” (tradução nossa).

19. “tenha entrado na missão ativa entre os gentios” (tradução nossa).

20. “Em Ez 17,23, a imagem se refere ao reino messiânico” (tradução nossa).

### (c) Teologia e interpretação

Quanto à teologia, o ponto central desta perícopa é o contraste entre um pequeno início e um grande final, tendo como tema central o Reino de Deus: “o contraste entre a pequenez da semente e o tamanho da árvore, entre o começo insignificante e o fim maravilhoso” (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 467). Ou ainda: “Se trata de la relación de principio y final. Y se afirma que el comienzo confiere la certeza del final seguro” (GNILKA, 2005, p. 218).<sup>21</sup> Nesta parábola, a semente é o início do Reino, que se iniciou com a Encarnação de Jesus e se concretiza na Sua vida pública, com Sua mensagem. Esta mensagem se concretiza com a formação de um grupo inicial pequeno (cf. Lc 12, 32), que cresceu, cresce e crescerá até a chegada do Reino definitivo.

Vale notar ainda a ênfase que é dada à proporção: início:pequeno :: final: grandioso. Ainda que na parábola anterior, já se tenha abordado este ponto, aqui este se torna o ponto central e com bastante foco, devido à forma apresentada e às referências com o AT (HENDRIKSEN, 2014, p. 194). A relação entre o AT e o NT fica: semente:hortaliça :: broto:cedro.

Gnilka (2005, p. 218) levanta um importante ponto quanto à questão do Reino de Deus. Ele questiona o fato de esta parábola ter sido associada à formação da Igreja. Sua posição é de que o Reino de Deus é o Reino definitivo e não a Igreja. Esta associação – com a Igreja – seria um deslocamento do sentido inicial e seu argumento é que a Igreja ainda não chegou a sua meta. Por este motivo, este autor associa ‘as aves que se abrigam’ com todos os povos. Em uma leitura com chave messiânica, as aves que se abrigam devem ser consideradas “como indicación de que vienen los pueblos gentiles”<sup>22</sup> e não com a Igreja. É uma visão da segunda vinda de Cristo, da Parusia. Só aí pode-se considerar implantado o Reino de Deus, embora seu começo insignificante já esteja presente (a semente). Hendriksen (2014, p. 194) concorda com esta posição, quando diz que o reino de Deus “continuará a expandir”. E também Pohl (1998, p. 171), para quem Marcos não equipara “a *ekklesia* à *basileia*, ao reinado de Deus. A Igreja é somente ‘primícia’, princípio, como um grão de mostarda”. Gnilka completa: “La *ecclesia* es para el tiempo; la *basileia* sobrevivirá al tiempo” (2005, p. 220)<sup>23</sup>.

21. “Trata-se da relação de princípio e final. E afirma-se que o começo confere a certeza do final seguro” (tradução nossa).

22. “como indicação de que vêm todos os povos gentios” (tradução nossa).

23. “A *ecclesia* é para o tempo; a *basileia* sobreviverá ao tempo” (tradução nossa).



Por estes motivos, a visão do Reino de Deus deve ser a escatológica, numa referência a ‘todas as aves’. Neste contexto, as aves devem ser consideradas “todos os grandes povos. O conceito do reinado escatológico de Deus requer a inclusão dos povos pagãos” (POHL, 1998, 170). E a ‘sombra’ deve ser entendida não com a morte, como em alguns outros trechos das Sagradas Escrituras – como o Sl 22,4 –, mas como a proteção e misericórdia de Deus (Ibid., 170).

Em uma leitura com chave cristológica, mais uma vez teremos a semente como o próprio Jesus, que é um só – início pequeno – e que, depois, se torna grande – o Messias glorioso. E também, como a semente, esconde dois segredos: a garantia do sucesso final e a inclusão de todos os povos. Este ponto está alinhado com o ‘segredo de Marcos’ sobre a figura de Jesus: Jesus é o filho de Deus, como atestado pelo centurião (Mc 15,39), mas aparecerá ao mundo ‘grande’ – ou glorioso – na sua segunda vinda. Faz parte deste segredo o mistério pascal: morte e ressurreição. Donahue (2006, p. 139) comenta que o conjunto de parábolas, em particular as duas sobre as sementes, “anche [...] proclama che la morte e la rissurrezione di Gesù costituiscono el mistero del regno”<sup>24</sup>.

Em uma leitura eclesiológica, pode-se comparar a mostarda, uma hortaliça muito resistente e invasiva, com o Reino de Deus, uma vez que se podem atribuir estas características ao Reino de Deus: “[...] è una pianta resistente che cresce rapidamente e tende ad invadere il giardino. Il punto è che il regno è un qualcosa sia di resistente che invadente” (Ibid., p. 136)<sup>25</sup>.

As três parábolas sobre a semente apresentam dois conceitos: o primeiro conceito caminha em um determinado sentido e o segundo, no outro. Veja-se no quadro a seguir.

Parábolas Mc 4	Semente	Homem	Ação
1-8	Palavra de Deus	semeador: um homem com uma função	se dá na alma do homem
26-29	Reino de Deus	'um' homem: qualquer um; pessoa qualquer	germinação automática; entre os homens
30-32	Reino de Deus	o homem não aparece	realização no mundo (contraste início x final)

24. “Também proclama que a morte e a ressurreição de Jesus constituem o mistério do reino” (tradução nossa).

25. “é uma planta resistente que cresce rapidamente e tende a invadir o jardim. O ponto é que o reino possui qualquer coisa de resistente e penetrante” (tradução nossa).

Sob ponto de vista cristológico: Palavra de Deus = Reino de Deus = Jesus Cristo, que é o próprio Deus.

Esta parábola e sua ‘gêmea’ desejam passar uma mensagem de esperança e confiança, “que se fundamentam não sobre os cálculos de probabilidade ou as previsões da futurologia, mas sobre a fidelidade e o poder de Deus que se manifesta na história” (BARBAGLIO; FABRIS, 2011, p. 4686). Esta mensagem de esperança era dirigida aos “seguaci di Gesù che erano scoraggiati e per la comunità marciana perseguitata” (DONAHUE, 2006, p. 136)<sup>26</sup>.

### 3.3 Terceira parte: Mc 4,33-34

#### (a) Comparação com os Sinóticos e estrutura

A perícopa desta terceira parte – Mc 4,33-34 – encontra-se apenas nos evangelhos de Marcos e Mateus (Mt 13,31-32). Há algumas diferenças, cujos motivos residem no objetivo e público de cada Evangelho.

Mc 4, 33-34	Mt 13, 34-35
Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas como essas,	Jesus falou tudo isso às multidões por parábolas.
conforme podiam entender;	-
e nada lhes falava a não ser em parábolas.	E sem parábolas nada lhes falava,
A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular.	-
-	para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo.

Como ponto que chama mais a atenção e diferencia os dois autores, Marcos omite a citação do AT (Sl 78,1-2): “Povo meu, escuta minha lei, dá ouvido às palavras de minha boca; abrirei minha boca numa parábola, exporei enigmas do passado”.

#### (b) Algumas situações textuais, teologia e interpretação

Quanto ao texto, o objeto indireto “lhes” refere-se às multidões, como consta no início do capítulo 4 (Mc 4,1). Reforça este ponto a frase “conforme

26. “aos seguidores de Jesus que estavam desencorajados e para a comunidade de Marcos perseguida” (tradução nossa).

podiam entender”, uma vez que Jesus somente explicava as parábolas a seus discípulos e em particular (v. 34b).

Apesar de o verbo em grego (ακουω) ter o significado mais comum de ouvir ou escutar, neste caso cabem melhor seus outros sentidos: perceber, entender e aprender, quanto mais sendo posposto a ‘ηδυναντο’: poder, ser capaz de.

A palavra para ‘parábola’, que teve sua tradução mais divulgada e conhecida como ‘provérbio’ em português, no original hebraico é לְפָרָבֹלָה, que comporta alguns significados.

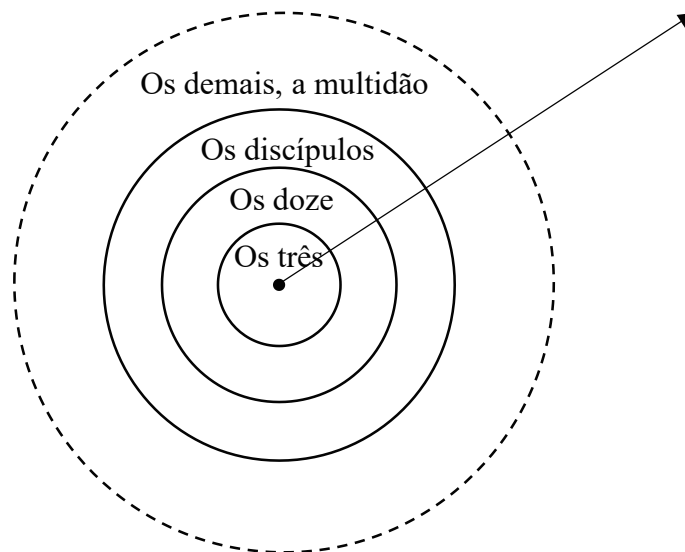
Ainda, cabe destacar o uso do termo “Palavra”. A Bíblia de Jerusalém coloca o termo em letra maiúscula. No contexto do capítulo 4, a ‘palavra’ assume a mensagem de Jesus, o anúncio do Reino, em função das 2 parábolas imediatamente anteriores, da semente. Fazendo referência às três parábolas da semente: “[o] próprio Jesus, portanto, é o semeador, e a palavra naturalmente é a sua mensagem em geral, a proclamação do reinado de Deus, que amanhece em Sua pessoa e obra” (POHL, 1998, p. 171). A palavra, a mensagem e o Evangelho de Jesus são o próprio Jesus.

Quanto à teologia, pode-se notar, através dos verbos ‘entender’ e ‘explicar’, que Marcos se refere ao segredo em torno da figura de Jesus. Tanto a multidão quanto os discípulos tinham dificuldade de entender o que Jesus dizia sobre Si mesmo, sobre Deus, sobre o Reino, ainda que lhes contasse parábolas de aparente simples compreensão. O v. 34b evidencia a dificuldade dos discípulos, pois Jesus tinha que explicar-lhes em particular. Este é o tema recorrente em Marcos e ponto central da sua cristologia. Para ele, “es decisivo saber acerca del misterio del Hijo de Dios. Sin esto no se habrán comprendido las parábolas” (GNILKA, 2005, p. 222)<sup>27</sup>. Marcos, “[e]m poucas palavras, [...] põe em destaque um tema constante de sua cristologia: o conhecimento de Jesus, que é um dom de Deus, que se alcança por meio da fé” (BARBAGLIO; FABRIS, 2014, p. 468).

Ao fazer referência a dois grupos distintos de ouvintes – a multidão e os discípulos, Marcos expressa sua visão eclesiológica, que se dá a partir de círculos concêntricos a partir de Jesus.

---

27. “é decisivo saber acerca do mistério do Filho de Deus. Sem isso, não se terão compreendido as parábolas” (tradução nossa).



## Conclusão

As parábolas fazem parte dos ensinamentos de Jesus (Mc 4,1). Porém, elas levantam algumas questões importantes:

- (i) Jesus queria esconder o sentido do que ensinava e, por isso, usava parábolas? Não, “a razão não estava em Jesus. [...] Uma palavra totalmente direta teria significado a obrigatoriedade de uma decisão imediata” (POHL, 1998, p. 172). Não se pode afirmar que o povo estaria preparado para isso, para este completo desvendar de Cristo (cf. Jo 16,12);
- (ii) além disso, o anúncio direto da verdadeira missão de Cristo e como tudo se daria tirariam de cada homem a decisão e a opção. Não haveria necessidade da fé, pois conheceriam de pronto a verdade. E, por outro lado, poderia levar a uma situação de escândalo e incompreensão de sua missão (cf. Mc 8,33);
- (iii) ainda que as parábolas sejam a forma de ensinar o povo, elas não revelam completamente o próprio Cristo e sua missão. Elas “no desvelan el misterio, el pueblo continúa en la oscuridad”. Isto porque “[l]a hora de la auténtica revelación está aún por venir” (GNILKA, 2005, p. 222)<sup>28</sup>.
- (iv) o uso das parábolas tem o sentido de levar o povo a mudar de posição, a procurar ver o mundo com outros olhos, com os olhos que agora veem a Revelação física e plena de Deus. É uma mudança de paradigma total: de atitudes, de valores, de sentimentos, de vida, enfim.

28. “não desvelam o mistério, o povo continua na obscuridade. ... a hora da autêntica revelação ainda está por vir” (tradução nossa).

- (v) a explicação em particular aos discípulos indica que eles “não perdiam para o povo em falta de maturidade e entendimento” (POHL, 1998, p. 172). Porém, eles tinham Jesus para lhes ensinar e explicar diretamente, pois eles teriam que assumir a atividade de proclamar esta Boa Nova no futuro e para a posteridade. Mais que um privilégio, era uma grande responsabilidade (GNILKA, 2005, p. 222).

As parábolas do Capítulo 4 têm o importante papel de iniciar o processo de desvendamento do Cristo. Como objetivo de fortalecer a fé e a esperança das comunidades, em particular as de Marcos, elas possuem uma forte característica cristológica, de apresentar um Cristo vigoroso, ainda que velado por hora. Este é o sentido da semente:

Come il seme ha un suo potere e dinamismo che a suo tempo si concretizza nella messe, così è anche il mistero del regno di Dio. Il contrasto tra il potere di Gesù, che è nascosto e assente sulla croce, e la sua gloria al momento del suo ritorno non è dal meno del contrasto tra il più piccolo di tutti i semi e la più grande di tutte le piante dell'orto (DONAHUE, 2006, p. 139).<sup>29</sup>

Ponto central de seu Evangelho, o segredo messiânico, Marcos o resume no seu capítulo 4: “Le parabole di Marco 4, 1-34 sono metafore della cristologia del vangelo”<sup>30</sup> (Ibid., p. 139). E a conclusão da parábola do grão de mostarda garante a vitória final do Reino de Deus com Cristo glorioso e triunfante!

## Referências

- ALONSO SCHÖKEL, L. SICRE DIAZ, J.L. *Profetas II – grande comentário bíblico*. Tradução Pe. Anacleto Alvarez, OSA. São Paulo: Paulus, 2011.
- BÍBLIA DE JEURSALÉM* – Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BALANCIN, E. M. *O Evangelho de Marcos – Quem é Jesus*. Da série ‘Como ler’. São Paulo: Paulus, 1991.
- BARBAGLIO, G. FABRIS, R. MAGGIONI, B. *Os evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 2014.

29. “Como a semente tem um poder e dinamismo próprios que a seu tempo se concretiza na colheita, assim é também o mistério do reino de Deus. O contraste entre o poder de Jesus, que está escondido e ausente na cruz, e sua glória no momento de seu retorno não é menor que o contraste entre a menor de todas as sementes e a maior de todas as plantas da horta” (tradução nossa).

30. “As parábolas de Marcos 4, 1-34 são metáforas da cristologia do Evangelho” (tradução nossa).

- BEALE, G.K., CARSON, D.A. org. Tradução de C.E.S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes, V. Kroker. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. pg. 194.
- BELANO, A. *Il Vangelo secondo Marco – traduzione e analisi filologica*. Roma: Aracne, 2008.
- BERGANT, D., CSA, KARRIS, R., OFM (orgs.). *Comentário Bíblico – vol. III*. Tradução de Barbara T. Lambert. 8ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- CISTERNA, F. E. *O evangelho de Marcos*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009.
- DONAHUE, J.R., HARRINGTON, D. J. *Il Vangelo di Marco – vol. 2 de Sacra Pagina*. Tradução de G. Vischioni. Torino, Itália: Editrice Elledici, 2006.
- FERNANDES, L. A., GRENZER, M. *Evangelho segundo Marcos – Eleição, partilha e amor*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- GNILKA, J. *El Evangelio según san Marcos – I*. 4ª edição. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- HENDRIKSEN, W. *Marcos – Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2014.
- MARCUS, J. *Mark 1 – 8. A New Translation with Introduction and Commentary*. New York, USA: The Anchor Bible/Doubleday, 1999.
- O Novo Testamento Grego*. Com introdução em português e dicionário grego-português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- OPORTO, S. G. GARCÍA, M. S. *Comentário ao Novo Testamento*. Tradução de Alceu Luiz Orso. São Paulo, SP: Editora Ave-Maria, 2006.
- POHL, A. *Evangelho de Marcos – Comentário Esperança*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 1998.
- ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus & Marcos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- RÖMER, T., MACCHI, J., NIHAN, C. (orgs.). *Antigo Testamento – história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2015.
- SCHENKER, A. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

Artigo recebido em 08/05/2020 e aprovado para publicação em 05/06/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i37-2020-2>

### Como citar:

MACHADO, Maria Clara da Silva; FAILLACE, Paulo Cesar Machado. Parábolas da semente no Evangelho de São Marcos – análise da perícopa marcana 4,26-34. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 31-52, jan./jun. 2020. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)